

CRÓNICA
MISTABÁRBARA
REIS

O AVÔ ALEMÃO

É claro que Günter Grass podia e devia ter dito mais cedo que pertenceu às Waffen-SS. Mas se calhar, simplesmente, não conseguiu

A confissão do escritor alemão Günter Grass de que pertenceu às Waffen-SS é como se José Saramago, também Nobel da Literatura, também de esquerda, dissesse agora que tinha pertencido à PIDE? Nada disto nos levará a lugar algum.

Günter Grass é alemão, cresceu no pós-I Guerra Mundial, tinha 11 anos quando a II Guerra começou, para o ano faz 80, e é autor de romances sobre o nazismo que obrigaram os alemães a confrontarem-se com o passado. Este homem, diz-se agora em coro, “deixou de ser uma autoridade moral”. Será? Queria apenas garantir boas vendas do seu novo livro, uma autobiografia chamada, numa tradução literal, *Descascando a Cebola*. Será? Foi tudo estratégico. Mesmo?

Se sobre tudo há vários níveis de complexidade, quando se fala da história alemã do século XX é preciso multiplicar tudo por mil.

É claro que Günter Grass podia e devia ter dito mais cedo. Mas se calhar, simplesmente, não conseguiu.

Muitos alemães só olharam para o passado – para o que fizeram ou não fizeram nesses anos – depois de décadas vividas com essa vergonha insuportável como que congelada. Basta ler as 200 páginas de inocentes descrições do quotidiano de Hitler que uma das suas secretárias, Traudl Junge, escreveu (*Até ao Fim - Um Relato Verídico da Secretária de Hitler*, uma das inspirações para o filme *A Queda - Hitler e o Fim do Terceiro Reich*, de Oliver Hirschbiegel).

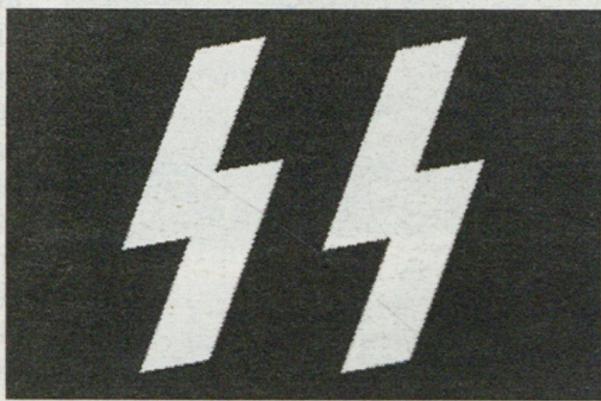
Günter Grass não é Traudl Junge, é óbvio. Mas como ela, e como milhões de alemães, deixou-se encantar, na adolescência, pela novidade e o fascínio nazi. Ou *História de Um Alemão*, do jornalista e historiador Sebastian Haffner (1907-1999), que conta como alemães urbanos, cultos, sofisticados e boémios ficaram seduzidos por Hitler.

As biografias escrevem-se aos 80 e é nelas – como nas confissões que se fazem à beira da morte – que se “conta tudo”. Günter Grass já tinha contado alguma coisa: há anos que era público que aos 15 anos se tinha voluntariado, como milhares de adolescentes, para

uma divisão anti-aérea do exército alemão, as Wehrmacht. Também já tinha dito aos seus amigos íntimos o resto, que pertencera, aos 17 anos, às Waffen-SS.

Günter Grass esteve nas SS, mas nas Waffen-SS. Ao contrário destas, as “outras” SS não combatiam e tinham sim funções políticas, policiais e ideológicas.

E é interessante ler na íntegra a entrevista na qual o escritor revelou há uma semana ter pertencido às Waffen-SS (o *Le Monde* publicou-a). A certa altura explica: “Para mim, as Waffen-SS não eram nada de aterrorizador, mas sim uma unidade de elite que era sempre enviada, aqui ou ali, para os lugares mais quentes e que, como isso era generalizado, sofriam as maiores baixas.” Mais à frente percebe-se que Grass não foi voluntário entre os 15 e os 17 anos, mas sim que preencheu os papéis para se voluntariar aos 15 “ou perto disso”, numa altura em que, “como toda a minha geração”, estava “ao serviço do trabalho obrigatório”, que se esqueceu dessa *démarche* e que “de repente, um ano mais tarde, a ordem de mobilização chegou”: “Acho que foi aí que



me apercebi que se tratava das Waffen-SS.” Isso foi em Fevereiro e a 24 de Abril do mesmo ano (1945) foi feito prisioneiro pelos americanos.

Para os alemães, porém, tudo isto serão pormenores. O nazismo, a vergonha que não desaparece, ainda está próxima. E por isso, foi Henryk M. Broder, escritor judeu alemão, quem fez, no *Der Spiegel*, a analogia perfeita: “É como se uma família pouco antes do Natal tivesse tomado conhecimento de que a avó tinha sido prostituta quando era jovem. Logo esta avó que sempre se tinha mostrado conservadora e que tinha até proibido às suas netas o uso de mini-saias. E agora perguntam-se todos: o que fazer com a avó? Claro que não se pode pô-la fora de casa, mas também já ninguém quer sentar-se com ela à mesa.” ■